

Jovem Brasília também tem um edifício histórico a ser reconstruído

Brasília — Protásio Nené

Hotel destruído pelo fogo há 10 anos vai reviver

BRASÍLIA — Embora tenha completado apenas 28 anos nesta semana, Brasília já tem um edifício histórico a ser reconstruído: trata-se do Hotel Brasília Palace, o primeiro da cidade, que ficou pronto antes da inauguração da cidade (em 1958, junto com o Palácio da Alvorada, de que é vizinho) e foi destruído por um incêndio em 1978. A Secretaria de Obras do Distrito Federal fará a reforma através de um convênio com a Novacap (Companhia Construtora da Nova Capital) e com a Terracap (Companhia Imobiliária do Distrito Federal). Os custos são calculados em CZ\$ 500 milhões.

O Brasília Palace e o Palácio da Alvorada foram os dois primeiros prédios a virarem postais da nova capital. Ficam às margens do lago Paranoá, próximo ao setor de clubes-Sul. Com essa localização, mesmo quando perdeu a condição de único continuou sendo sempre um dos mais importantes de Brasília. Eram lá as grandes festas da cidade. Lá, os grandes encontros políticos. Lá, tudo o que era muito comentado, *badalado*.

O prédio, hoje só uma carcaça de concreto, foi projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que gastou meses para se decidir, por exemplo, sobre o formato ideal para a piscina. Num domingo de Páscoa, conta o colunista Gilberto Amaral, Niemeyer, saboreando um ovo de chocolate, finalmente se inspirou. E a piscina, assim, teve o formato de ovo. É justamente o arquiteto carioca que assina o projeto de reconstrução do prédio, que deverá ser um hotel-escola, administrado pelo Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Serão mantidos seus três andares, com 10 suítes e 191 apartamentos.

A reconstrução será iniciada no mês que vem, com investimento inicial de CZ\$ 200 milhões, segundo o secretário de Viação e Obras do DF, Carlos Magalhães, que foi morador do hotel nos idos de 60 e estima que em julho de 1989 terá pronto o corpo principal do hotel.



Resta só a carcaça do Brasília Palace: as obras custarão cerca de CZ\$ 500 milhões



Cardoso Alves (E), o falecido Pedroso Horta e Amaral Furlan: o tempo bom da farra

Exceção para o tempo em que fuga era a ponte aérea

Até hoje, de certa forma, o dito ainda vale, mas nos anos 60, que se seguiram à inauguração da cidade, é que estava mesmo na moda: “O melhor caminho para se divertir em Brasília é um bilhete da ponte-aérea para o Rio ou para São Paulo.” Ninguém duvidava, mas todos abriam uma exceção: no Brasília Palace a brincadeira era boa. Havia até o *footing* da cidade, onde todos se encontravam. Incluindo os altos figurões da República. Só que não era na pracinha, como nas cidades do interior. Era no *hall* superior do Brasília Palace, logo depois do jantar.

O Brasília Palace assistiu a inúmeras festas tipo família, mas foi palco também de grandes *embalos*. Tinha *shows* e desfiles de moda na pérgula da piscina, no restaurante ou no grande *hall* do 2º andar. E tinha uma lenda, como todo lugar famoso que se preza. A do Brasília Palace espalhou nos bastidores do poder que o gerente era dado ao voyeurismo. Constava que por ordem dele é que as cortinas de alguns apartamentos de luxo eram transparentes. Nesses apartamentos ele instalava sempre as mulheres mais bonitas que visitassem Brasília. Todos eles eram perfeitamente visíveis de um ponto de observação do tal gerente.

Era no Brasília Palace que a República se reunia para festejar, conspirar ou simplesmente conversar, conta o colunista candango Gilberto Amaral, que em 1968 ousou ser o empresário de Chico Buarque de Holanda — *A Banda* então estava no auge —, cujo *show* no Teatro Nacional foi um fracasso. Mas na boate do Palace foi um verdadeiro sucesso. Varou a ma-

drugada, o público sempre pedindo e exigindo bis.

A crônica local conta ainda que, além das grandes personalidades nacionais e internacionais, como Ché Guevara, que em 1961 se hospedou no Palace, o “hotel do barulho” importava do Triângulo Mineiro moças liberadas e de bons dotes físicos para animar as festas e os hóspedes mais tímidos.

“Se o Palace for mesmo reconstruído, eu abandono meu apartamento e volto para lá”, promete, animado, o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), um dos líderes do *Centrão*. Com 10 outros deputados paulistas, Cardoso Alves morou dois anos no Brasília Palace. “Aquilo era um paraíso. Ninguém precisava sair de casa para se divertir.”

A farra era tanta que Cardoso Alves garante que precisou *censurar* suas memórias para não *entregar* grandes figuras da República envolvidas nas festas dos idos de 1968. Foi nesse ano, segundo Cardoso Alves, que o senador Pedroso Horta, morador do hotel, resolveu promover uma grande festa para o ministro da Justiça Gama e Silva (futuro redator do AI-5, de dezembro daquele ano, que Horta iria combater duramente). A festa à beira da piscina foi um enorme sucesso, a não ser por um senão, criado por outro paulista, o deputado Amaral Furlan.

Só para aborrecer Pedroso Horta, Furlan contratou um time de mulatas tipo Sargentelli para funcionarem como uma espécie de guardiãs do ex-ministro da Justiça de Jânio Quadros. Horta não teve sossego, sobretudo quando havia fotógrafos por perto. Os tempos eram duros e, como as moças cumprissem à risca sua missão, no dia seguinte toda a República comentava o escândalo “das mulatas do ministro”. Um escândalo que fez Brasília tremer.